

**AQUECIMENTO GLOBAL**



**LUÍS NAZARÉ**  
Economista; Professor do ISEG/ULisboa

# Os pincéis e o retrato

**A FIGURA DO ANO**

Os Torquemadas das redes sociais e os comentadores instantâneos exigiram, repetidamente, a sua cabeça, absolutos e oniscientes (como sempre são) sobre as incidências do corona. Como era possível manifestar dúvidas perante a evolução da praga? E que sensaboria ver-se uma senhora, tão sóbria, tão clássica, dar conta diária dos números, das medidas, das muitas perplexidades que os iluminados comentadores resolveriam num estalar de dedos!



**MARIA DA GRAÇA DE FREITAS**  
Directora-geral da Saúde

A directora-geral da Saúde, Maria da Graça de Freitas, foi um baluarte da serenidade, da dedicação e da competência – a possível, perante um vírus desconhecido. Procurou sempre falar a linguagem da verdade, mesmo quando

as suas certezas eram tantas quantas as da comunidade científica do mundo inteiro (ou seja, nenhuma) e a dinâmica da pandemia obrigava a alterações de rota. Em contraste de estilo com o registo de assertividade snobe de muitos agentes do sector, Maria da Graça soube ser a voz amiga, confiável e actuante de que necessitámos nos piores momentos. ■

**NÚMERO DO ANO**

150 milhões de graus Celsius. Foi a temperatura recorde que o reactor nuclear Tokamak HL-2M atingiu, há semanas, a partir de um fabuloso campo magnético, concebido por cientistas chineses, capaz de fundir plasma de hidrogénio com uma eficácia inédita.

Durante algum tempo, procurou-se encontrar um método de fusão (que não produz resíduos tóxicos) ou de fissão (o mais utilizado) a frio, ou seja, sem consumo desmesurado de energia e com riscos laterais mínimos. Em vão. No domínio da energia nuclear, não parece haver modo de desencadear as reacções químicas necessárias sem recurso a altíssimas temperaturas. Como a do

Sol, por exemplo, embora dez vezes inferior (!) à do Tokamak e à de um reactor americano, que, após o anúncio chinês, se apressou a divulgar igual feito. Ao mesmo tempo, prosseguem as experiências no ITER, em França, o maior consórcio mundial de investigação em fusão nuclear, cujos resultados deverão ser apresentados em 2025.

Não, o nuclear não está morto. ■

**S**e 2020 foi o *annus horribilis* do novo século, 2021 não se prefigura como o ano redentor. Por paradoxal que pareça, o rol de incertezas que teremos de enfrentar é bem mais denso do que o vivido durante 2020. Após a eclosão da pandemia viral, rapidamente passámos da perplexidade para a acção, na procura de soluções técnicas para varrer a peste e, em simultâneo, de paliativos económicos e sociais para manter a sociedade viva. O quadro de incerteza relativa e o desconhecimento quanto às características e efeitos do vírus proporcionou uma notável concentração de esforços, em todas as frentes de combate. A vacina traz esperança, talvez permita uma vitória sobre o corona, mas as sequelas da crise não serão simples de tratar, num mundo que não voltará tão cedo a ser como dantes

A menos que se extermine rapidamente toda a família SARS, de forma segura e sustentada, sem o surgimento de novos clãs virais – o que a degradação das condições sanitárias em muitas regiões do planeta não facilita –, continuaremos a viver num quadro de restrições e condicionamentos hostis para a recuperação da economia

**2021 não se prefigura como o ano redentor. Por paradoxal que pareça, o rol de incertezas que teremos de enfrentar é bem mais denso do que o vivido durante 2020.**

e dos níveis de confiança. No teatro europeu, teremos uma ou mais bazucas, tolerância com os défices públicos e políticas voluntaristas de alcance médio. E muitas decisões impactantes a tomar, algumas em trânsito do pré-covid, num cenário de incertezas múltiplas.

O que fazer com a TAP? Que compromissos terá o Governo português de assumir junto de Bruxelas para poder levar por diante o plano de reestruturação? Como se poderá concretizar a desejada entrada da Lufthansa? Como evoluirá o tráfego aéreo, de turismo e de negócios, no pós-covid? Esgotada (aparentemente) a janela de oportunidade para um processo de demolição-construção de um novo operador de bandeira, que garantias existem de

que a pesada injeção de fundos públicos será bastante para fazer sair a TAP do seu estado comatoso? E que mão dará vida a este pincel?

Como e quando varrer o pesadelo Novo Banco? Que efeitos terá a previsível ferocidade do Tribunal de Contas na avaliação das operações de saneamento pós-venda? Que destino reservam os partidos políticos ao banco, aos seus clientes e accionistas? Que preço estarão dispostos a pagar pelo bloqueio contratual?

Como e a quem alocar os fundos da bazuca? As linhas mestras parecem estar traçadas, com alguma contestação da classe empresarial, por se achar preterida em favor dos investimentos públicos ou parapúblicos (quais são as alternativas compatíveis com as regras europeias?), mas avolumam-se as dúvidas acerca das escolhas em matéria de transição energética. O lamentável episódio da herdade da Torre Bela veio pôr a nu algumas das externalidades negativas das energias renováveis. E o que fazer do lítio? É para extrair, refinar e exportar ou ceder-se-á de novo aos grupos ambientalistas mais radicais?

Serão tempos duros os que aí vêm, com uma luz de recuperação económica a partir do segundo semestre. Um *timing* bem conveniente para que o Governo português possa assumir, com direito a retrato, a presidência europeia durante o primeiro. ■



Artigo em conformidade com o antigo Acordo Ortográfico

Area: 505cm² / 54%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7024061

**150 MILHÕES**